

ra de estar a seu lado em vários atos espíritas, onde sua singular personalidade, feita de doçura e paciência, arrebatava e comovia e se liga, sem dúvida alguma, com as mais altas correntes do mundo supra-sensível. Temos recebido por seu intermédio ensinamentos de elevada espiritualidade provenientes do Dr. Bezerra de Menezes e de Emmanuel, como também um belo soneto ditado num minuto por um inspirado poeta brasileiro desencarnado. Quem conhece quão difícil se faz escrever um soneto, poderá aquilatar o maravilhoso deste ato mediúnico-poético ocorrido tão repentinamente. O que nos deixou perplexo junto a Chico Xavier, porém, é quando se comunicaram para saudar-nos seres como Pepita A. de Rinaldini, Clotilde B. de Lassalle, a Sra. de Pallas, Carlos Fortunatti, Manuel S. Porteiro, Félix Arrigoni, com os quais lembramos coisas próprias da Argentina que somente eles, os comunicantes, conheciam, sendo que tudo foi confirmado por nós outros mesmos.

À noite (esta reunião havia tido lugar a 22 de setembro, à tarde), no Centro Espírita Uberabense, demos uma conferência sobre *Reatualização do Cristianismo através da Doutrina Espírita*, ante uma sala totalmente repleta de ouvintes. Nosso assombro e surpresa, porém, foi quando vimos que Chico Xavier havia vindo para escutar-nos a modesta palavra. Sentimo-nos como que vencidos por uma avalanche de luz que nos deslumbrava; sua doçura e bondade, no entanto, tornou agradável nossa tarefa, a qual nos repletou de profundo regozijo espiritual. Chico Xavier ficou em nossa alma como um paradigma do que significa o cumprimento de missão tão alta quanto difícil como é a da mediunidade. Que o Alto apóie por todo o sempre a tão excelente criatura que, depois de quarenta anos de trabalhos psicográficos, continua de pé servindo à Verdade e à Beleza!



3. CARTA À MINHA ESPOSA *

(Aviador desencarnado escreve à esposa inconsolável)

Minha querida Aldinha.

É com o pensamento em prece que trago a você este bilhete.

Peço a Deus por nossa conformação. Estou vivo. Mais vivo que nunca. Esta é a verdade. Não me suponha ausente, separado, irremediavelmente distante. . .

Viva sim. Não pense em morrer. Coragem. Estou aqui sob o auxílio de muitos amigos para dizer a você que espere. Não me busque nas aparências. Procure-me no sentido das palavras.

Como poderia você acreditar em separação, se nós dois estamos um no outro? Seus pensamentos movem minha cabeça. Seu coração bate no meu.

Ajude-me com a sua paciência, com a sua fortaleza espiritual.

Nossos filhos, Aldinha! É necessário trabalhar e sofrer por eles. Mirinho e Roninho são depósitos do Deus de Bondade em nossas mãos. . . Quando posso ir até nossa casa e abraçar você junto deles, isso é para mim, agora, tanto quanto era ontem, a minha felicidade.

Não disponha de nosso ninho. Foi tecido por nossos melhores sonhos.

Você vai melhorar, ter saúde, abraçar idéias e tarefas novas. . . Converse com o nosso querido Juarez. Leia as consolações espíritas.

(*) "Flama Espírita", de 16-6-1962, de Uberaba. Mensagem psicografada na sessão pública de 1-6-62, na Comunhão Espírita Cristã.

Prepare o seu coração e pensamento para o trabalho mais ativo dos semelhantes. Começemos por auxiliar os filhinhos dos outros, aparentemente desamparados na Terra.

Dona Alda, onde está você, querendo largar o serviço em nome da saúde? Saudade é amor também. Amor que se esforça para aguardar o reencontro. Creia que estou fazendo isto. Lutando e sofrendo com a alegria de perceber a sua nova alegria — alegria que vem nascendo de sua fé renovadora.

Falo a você na condição de um enfermo que se recupera pouco a pouco. Permaneço nos braços de vários amigos queridos para escrever a você esta carta. Imagine a força que seu marido está fazendo para não chorar.

Não julgue que o nosso Dutra poderia me haver substituído na viagem. Não, Aldinha, as determinações da Providência Divina foram cumpridas.

Você e eu devemos alegrar-nos por sermos colhidos pela separação temporária, em pleno dever.

O acidente era encontro marcado. Acalme-se. Confiemos.

Estou vivo, repito, e recebendo de minha querida mãezinha o apoio e a consolação que espero de você ao lado de nossos filhos.

Imagine, sim, que me vejo *baseado* em região distante, mas o rádio do coração está funcionando. Você e as crianças permanecem comigo.

Você recolherá muitas alegrias novas no cultivo da mediunidade. Mas comece, não pelos fenômenos e sim pelo serviço ao próximo.

Agradeço a você a segurança do carinho e da continuidade do apoio aos nossos queridos. Meu pai é meu amigo — tesouro do coração.

Rogo a você, Aldinha, não me procurar na legenda do cemitério. Quando você quiser comprar enfeites para o pequenino recanto de terra em que supõe lembrar-me com ternura, compre alimento para as criancinhas que choram.

Nós dois iniciamos atualmente vida nova. Vida nova, em que nossos corações mais unidos se façam mais de Deus, no serviço aos que sofrem.

Aldinha, abraça os meninos que ainda não posso ver tantas vezes quantas desejo por enquanto. Mas espero reconfortar-me ao toque de suas forças renovadas.

Não chore diante do meu retrato, aliás, sei que você é valorosa e não derrama lágrimas sem motivo, entretanto, rogo a você para não me fitar agoniada. Gradativamente, você me sentirá mais perto, sempre mais perto do seu coração.

Bom ânimo. Coragem e esperança.

Beijos aos nossos queridos filhinhos — nossos tesouros, nossos companheiros, nossas alegrias de cada hora.

E com lembranças a todos os nossos, espere cada dia e sinta com você cada dia o seu, sempre seu

Almiro

(N. da R.) — Dona Alda, viúva do Almiro, após as emoções contidas, conversou conosco, esclarecendo várias particularidades: Ser autêntica a letra do esposo, inclusive assinatura; que, de fato, continua alimentando idéias de suicídio, mas que já não as terá após esse conforto que o marido lhe trouxe do Além; que, após a morte do esposo, sempre alimentou o desejo de dispor do seu lar; pelas circunstâncias dos acontecimentos, sempre pensou que seu esposo morrera no lugar de Dutra, colega seu, substituído, à última hora, por Almiro. Conversando, depois, com o médium Francisco Cândido Xavier, D. Alda mostrou-lhe uma fotografia para que ele lhe dissesse se era ou não aquele homem da foto o comunicante. Tudo confirmado. Francisco Xavier disse à D. Alda que o seu esposo estava amparado por vários Espíritos e, entre eles, estava um que mantinha atitude paternal junto dele, e dizia se chamar João Cunha. D. Alda esclareceu, muito emocionada, que João Cunha foi o pai de criação de Almiro, já desencarnado há tempos.